

A teoria da democracia e a Europa Oriental

O cientista político Michelangelo Bovero, da Universidade de Turim, será um dos conferencistas de agosto do IEA. No dia 16, às 9h, na Sala do Conselho Universitário, Bovero falará sobre "A Teoria da Democracia diante das Transformações Políticas na Europa Oriental".

Para Bovero, os acontecimentos de 1989 na Europa Oriental demonstram que está-se firmando no mundo uma visão "substancialmente homogênea da democracia". No plano da pesquisa científica, ele acredita que não há mais teorias "rivais e antagônicas" sobre a natureza da democracia, apesar da pluralidade de tendências teóricas e prospectivas metodológicas existentes.

Na opinião de Bovero, a preferência hoje quase universal pela democracia só pode ser justificada ao se reconhecer um valor ético nas técnicas democráticas. "Enquanto certos defeitos consolidados



Michelangelo Bovero

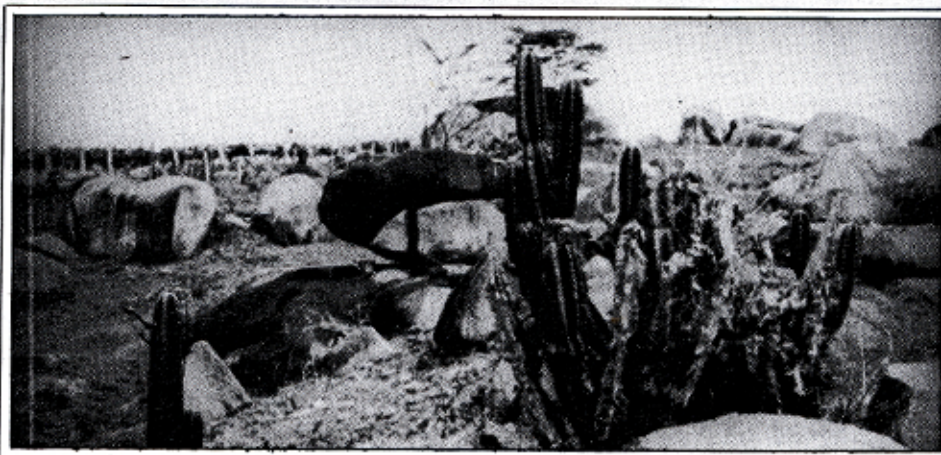
— 'promessas não mantidas' — parecem mutilar o valor ético da chamada democracia real no mundo ocidental, os acontecimentos de 1989 parecem oferecer novas oportunidades de democracia, e também apresentam novos problemas."

Começa em agosto o ciclo de seminários "Ciência e Filosofia: Epistemologia das Ciências Exatas", organizado pelo IEA com o apoio do Departamento de Filosofia da FFLCH/USP. Dia 9, às 9h, na Sala do Conselho Universitário da USP, o filósofo francês Gilles-Gaston Granger fará a conferência "O Transcendental e o Formal na Matemática".

Leia sobre as demais atividades programadas para o mês de agosto nas páginas 4 e 5.

Teoria dos refúgios

Pequena área com cactáceas na região de Salto, São Paulo, herança da expansão da semi-aridez no Pleistoceno Superior, época em que as florestas tropicais ficaram restritas a algumas regiões. Leia sobre a teoria dos refúgios nas páginas 2 e 3.



Arg. - Acit. AB Silver

Pesquisa em química

Por falta de diretrizes para o setor de ciência e tecnologia a pesquisa em química no Brasil retrocedeu nos últimos anos. Esta é uma das conclusões da pesquisa de pós-doutorado realizada no IEA pela professora Maria Aparecida Hugo Cagnin. A pesquisa revela ainda que o reduzido número de pessoas dedicadas à área dispõe de um instrumental inadequado. Isto parece ter originado no País um número menor de publicações na área de química do que na física, ao contrário do que acontece a nível mundial. Pág. 6

Desenvolvimento e aplicações da teoria dos refúgios

Uma teoria que explica a preservação da biodiversidade tropical sul-americana durante as glaciações



Arq. Aziz Ab'Sáber

Linha de pedra em Vila Nova, Rio Grande do Sul: semi-aridez durante as glaciações.

O mais importante corpo de idéias sobre os mecanismos e padrões de distribuição da fauna e flora da América Tropical. Assim o geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber qualificou a teoria dos refúgios durante a Conferência do Mês do IEA em junho. Essa teoria explica como foi possível a retropicalização do continente após as últimas glaciações graças à existência de refúgios onde a biodiversidade tropical se manteve.

A importância dessa teoria, disse Ab'Sáber, está no seu conteúdo biogeográfico e ecológico, além de sua própria característica multidisciplinar na articulação das geociências e biociências. E por isso mesmo ele intitulou sua conferência de "Teoria dos Refúgios: Multidisciplinaridade e Aplicações".

Adaptações

Ab'Sáber considera quase sem validade as primeiras observações sobre as formações detríticas superficiais brasileiras, pois na verdade são adaptações em relação ao meio tropical de interpretações apropriadas às zonas de médias e altas latitudes, sujeitas a glaciações e processos periglaciais quaternários.

Pré-historiadores e arqueólogos franceses, baseados em estudos sobre a África, afirmavam que nos períodos glaciais houve muita chuva e nos interglaciais, muita aridez. Essa interpretação foi estendida a todos os territórios intertropicais. Entretanto, comentou o conferencista, descobriu-se que na América Tropical ocorreu o contrário: no último período glacial houve expansão da semi-aridez.

Linhas de pedra

Em 1885/86, esteve no Brasil o glaciologista suíço-americano Louis de Agassiz, um dos pesquisadores mais renomados do século XIX sobre a extensão e os efeitos das glaciações. "Naquela época, Agassiz já defendia a teoria da panglaciação, isto é, um taponamento total da Terra pelo gelo, mas se isso tivesse ocorrido não teriam existido refúgios que possibilitassem a recuperação da biodiversidade e expansão da flora no resto do mundo", argumentou Ab'Sáber.

No Rio de Janeiro, Agassiz observou a frequência de uma ocorrência na paisagem carioca: pontões rochosos, do tipo do Pão de Açúcar, próximos de setores decompostos recobertos por vegetação tropical e com linhas de pedra (*stone lines*) pouco abaixo da superfície. "Ele interpretou esse material detrítico — disse Ab'Sáber — como fruto da ação de geleiras cavalgantes que escorrem pelos pontões rochosos e trituraram os cabeços de diques de quartzo."

Cactos

O erro básico de Agassiz foi não ter observado e interpretado a superfície da paisagem do ponto de vista das biociências: "se tivesse feito isso ele constataria que entre a vegetação tropical dos setores decompostos e a base dos pontões rochosos era comum encontrar na região áreas de flora de clima seco, com a presença de numerosos cactos". Portanto, as linhas de pedra não se devem à ação de geleiras: constituíam na verdade a superfície de regiões semi-áridas, com fragmentos partidos de afloramentos de quartzo, segundo Ab'Sáber.

Outros pesquisadores continuaram a registrar a ocorrência dessas linhas de pedra, mas até os anos 50 elas eram interpretadas como seixos rolados por gigantescas enxurradas, quando na realidade são constituídas de material quebrado (quartzo, limonita e outros), observou o geógrafo.

Em 1956, quando Ab'Sáber era um jovem pesquisador, houve um congresso internacional de geografia no Brasil. "Naquela ocasião entendi a importância do estudo da estrutura superficial das paisagens tropicais", comentou. Entre os pesquisadores estrangeiros destacavam-se os professores franceses Jean Tricart e André Cailleux. Nas excursões realizadas eles se concentravam na observação das linhas de pedra. Os dois franceses concluíram que as *stone lines* caracterizavam regiões que haviam tido todo o chão pedregoso típico das caatingas.

Na época, Ab'Sáber informou sobre essas conclusões vários pesquisadores, entre eles o zoólogo Paulo Emílio Vanzolini. "Foi assim — disse — que nasceu a teoria dos refúgios; o raciocínio básico era: se é que houve um período de grande expansão da semi-aridez, para depois ocorrer o retorno da tropicalidade teriam que haver existido lugares onde massas de vegetação tropical pudessem ficar refugiadas."

Comprovação

Outro ponto fundamental para tornar possível a teoria dos refúgios foi estabelecido também graças ao professor Tricart. Em 1957, numa excursão entre São Paulo e Campinas, o francês alertou Ab'Sáber que o problema central das linhas de pedra era saber se onde elas ocorriam teriam sido cerrados de-

Jorge Maruta/Agência USP



Geografia e ecologia

O professor Aziz Nacib Ab'Sáber (foto) desenvolveu toda sua carreira acadêmica na Universidade de São Paulo. Tornou-se professor titular de geografia física em 1968, com a tese "Bases Geomorfológicas para o Estudo do Quaternário no Estado de São Paulo". De 1969 a 1982, foi diretor do Instituto de Geografia da USP.

Na primeira fase de suas atividades acadêmicas (a partir de 1948), Ab'Sáber dedicou-se ao estudo da geomorfologia regional e ao entendimento da compartimentação topográfica dos planaltos intertropicais brasileiros. Em seguida, passou a fazer um cotejo

gradados ou legítimas caatingas. Mais tarde, Ab'Sáber deduziu que se houvesse um lugar no Brasil onde a mata tropical pontilhasse um "pano de fundo" de áreas secas estaria comprovado que em São Paulo não existiram cerrados degradados, mas sim caatingas.

Com essa intenção, Ab'Sáber passou a estudar de forma metódica os brejos do Nordeste ("ilhas" de tropicalidade situadas em maciços, morros-testemunhos e serrinhas), acabando por elaborar uma tipologia deles. "Através desse estudo descobri que em São Paulo, entre a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar e entre o Japi e a Serra do Jardim, só poderiam ter existido caatingas."

Por uma incrível coincidência, o dado final para essa comprovação surgiu numa propriedade da Universidade de São Paulo, relatou Ab'Sáber. Numa área doada pela Prefeitura de Valinhos à USP — onde o Instituto Astronômico e Geofísico construiu um observatório —, ele encontrou um lajedo a 920m de altitude com uma forte trama de ranhuras, onde ocorrem cactos e bromélias em bolsões de solos residuais. Nas suas bordas há cactos arbóreos no meio de matas secas. Nas vertentes da serra existem sinais e documentos da presença contínua de matas tropicais.

Nesse local, Ab'Sáber estudou pri-

morfoclimático e biogeográfico entre diferentes domínios da natureza brasileira.

Nos anos 50, Ab'Sáber voltou-se para o estudo da estrutura superficial da paisagem. Depois, tendo como referência esses estudos e o quadro ambiental encontrado pelos colonizadores no século XVI, ele pôde estabelecer um perfil mínimo das condições paleoecológicas do território brasileiro. Ab'Sáber desenvolveu então a primeira aproximação do mapeamento das condições paleoclimáticas e paleoecológicas para o Pleistoceno Superior (fase *Wurn-Wisconsin Superior*).

No início dos anos 80, em paralelo às suas pesquisas, Ab'Sáber passou a atuar com mais ênfase em sociedades científicas (SBPC, Academia de Ciências do Brasil, Academia de Ciências de São Paulo) e movimentos ecológicos.

Desde 1988, ele é professor visitante no IEA, onde desenvolve a pesquisa "A Teoria dos Refúgios: Origem e Significado", com o apoio da Fundação Vitae. Além disso, é o coordenador da Área de Concentração em Ciências Ambientais e um dos autores do Projeto Floram, plano de reflorestamento baseado em diretrizes ecológicas, sociais e econômicas que prevê a expansão da cobertura vegetal em 20 milhões de hectares no Brasil.

meiro o lajedo e depois a área de transição com a mata tropical, onde ocorre um padrão de vegetação somente encontrado no Planalto Sul-baiano, ao norte da Mata do Cipó. Tais constatações permitiram ao pesquisador concluir que estava diante de um relicto (pequena área) de caatinga no Estado de São Paulo. Ocorrência parecida ele constatou nos altos rochosos da Serra de São Francisco, próximo a Sorocaba, em área hoje pertencente ao Grupo Votorantim.

Subespeciação

Vanzolini, por sua vez, descobriu que a teoria dos refúgios interessava muito mais aos biólogos que aos geógrafos, comentou Ab'Sáber. "Em 1970 ele publicou um trabalho (precedido em 1969 de outro do geólogo alemão Juergen Haffer, que acompanhava as pesquisas de Vanzolini) no qual considerava que, durante a desintegração da tropicalidade na metade norte do Brasil, os grandes refúgios de mata tropical remanescentes atuaram como relógios diferenciais para os processos evolutivos, podendo mesmo ter possibilitado o surgimento de subespécies." Processos evolutivos diferenciados teriam atingido a fauna e a flora, que adquiriram características particulares em cada refú-

gio. Essa seria a causa da distribuição variável atual de espécies na Amazônia.

Motivos

Mas, por que teria acontecido a expansão da semi-aridez na América do Sul? "Sabemos que, entre 23 e 13 mil anos atrás, o nível dos oceanos estava 100m abaixo do atual, devido à concentração de água nas calotas polares e nas cordilheiras, e as correntes marítimas frias devem ter sido mais fortes, subindo pela costa brasileira e não deixando passar a umidade dos ventos provindos do Atlântico." Ressaltou ainda Ab'Sáber a possibilidade de as massas de ar polar terem sido mais frias naquela época.

A presença de relictos de caatinga nas bordas do Pantanal e a grande extensão dos seus leques aluviais arenosos do Pleistoceno Terminal foram tomados como os indicadores mais importantes para comprovar a teoria dos refúgios. O leque aluvial antigo do rio Taquari tem uma área de 50 mil quilômetros, o que somente seria possível em regiões de clima seco, segundo o conferencista. "Quanto da retropicalização, a depressão pantaneira foi penetrada por cerrados e cerradões na sua área central, centro-leste e sudeste, enquanto vegetação periamazônica entrou pelo noroeste e bosques chaquenhos ocidentais entraram pelo sudoeste; mas nenhum desses estoques de vegetação conseguiu abafar os relictos das caatingas arbóreas e eventuais cactácias."

Aplicações

De acordo com Ab'Sáber, sem a teoria dos refúgios é impossível entender a biogeografia do mundo tropical sul-americano. Além disso, através dela pode-se tornar mais compreensível a biodiversidade dos grandes contínuos florestais existentes na América Tropical: as florestas amazônica e atlântica.

Outra aplicação é permitir entender como o homem teria atravessado o istmo do Panamá entre 45 e 55 mil anos atrás e rapidamente percorrido grandes extensões ao longo dos planaltos e sobretudo dos compartimentos de planaltos do Brasil. "Isso aconteceu porque não havia grandes massas de florestas e as formações abertas predominavam", de acordo com hipótese enunciada pela norte-americana Betty Meggers, explicou Ab'Sáber. E por que apesar do baixo nível de recursos para seu sustento o homem preferiu caminhar através dos sopés das montanhas? "Foi por causa da temperatura mais quente ali encontrada, enquanto as terras altas dos planaltos brasileiros possuíam climas de altitude, de 4 a 7 graus em média mais baixos do que os atuais."



Dominique Xardel

A França e a Comunidade Européia

O diretor geral do Groupe Ecole Internationale des Affaires (França), professor Dominique Xardel, estará em agosto no IEA para uma série de palestras.

No dia 28, às 11h, na Faculdade de Economia e Administração da USP, ele falará sobre "A Cultura da Empresa Européia". No mesmo dia, às 16h, na sede do IEA, Xardel fará palestra sobre "O Ensino Superior e as Perspectivas da Europa de 1992". No dia 31, às 9h, também na sede do IEA, ele tratará das "Estratégias das Empresas Francesas para o Mercado Comum". Os eventos serão em francês.



Gilles-Gaston Granger (foto)

do Collège de France, realiza dia 9 de agosto, às 9h, na Sala do Conselho Universitário da USP, a conferência "O Transcendental e o Formal na Matemática". O evento integra o ciclo de seminários "Ciência e Filosofia: Epistemologia das Ciências Exatas", organizado pelo IEA em

colaboração com o Departamento de Filosofia da FFLCH/USP.

Granger abordará na conferência a reformulação do problema clássico da objetividade da matemática, que se traduz na sua capacidade de conhecer e criar objetos. Para tanto, ele utilizará o conceito de transcendental empregado por Kant.

O ciclo de seminários tem ainda as seguintes atividades programadas para o mês de agosto: dia 14, às 16h, na Sala 14 do

Departamento de Filosofia da FFLCH/USP, "O Estilo das Matemáticas Gregas", com Gilles-Gaston Granger.

Os três seminários seguintes ocorrerão na sede do IEA: dia 16, às 17h, "A Análise Geométrica Grega e a Ciência Moderna", com Pablo Mariconda; dia 23, às 17h, "Uma Versão Algébrica da Siologística", com Luis Henrique dos Santos; dia 30, às 17h, "O Desafio do Círculo: Descartes e o Demônio da Desilusão", com Penha Cardoso.

PROGRAMAÇÃO IEA - AGOSTO 1990

DIA	HORÁRIO	TEMA	CONFERENCISTA	ÁREA/GRUPO
3	16h	O REPENSAR DA POLÍTICA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL	Gerhard Jacob (Presidente do CNPq)	Política Científica e Tecnológica
8	15h	POLÍTICA EXTERIOR NA CHINA	Chen Duqing (Consulado da República Popular da China em São Paulo)	Assuntos Internacionais
9	9h	O TRANSCENDENTAL E O FORMAL NA MATEMÁTICA*	Gilles-Gaston Granger (Collège de France, Paris)	Conferência do Mês
14	10h	TEORIAS RENASCENTISTAS DE LA ESCRITURA Y LA COLONIZACIÓN DE LAS LINGÜAS NATIVAS	Walter Mignolo (Michigan University)	História das Ideologias e Mentalidades
14	16h	O ESTILO DAS MATEMÁTICAS GREGAS**	Gilles-Gaston Granger (Collège de France, Paris)	Lógica e Teoria da Ciência
16	9h	LA TEORIA DELLA DEMOCRAZIA DAVANTI ALLE TRASFORMAZIONI POLITICHE DELL'EUROPA ORIENTALE	Michelangelo Bovero (Universidade de Turim)	Conferência do Mês
16	17h	A ANÁLISE GEOMÉTRICA GREGA E A CIÊNCIA MODERNA	Pablo Mariconda (FFLCH/USP)	Lógica e Teoria da Ciência
17	15h	PRIMORDIAL NUCLEOSYNTHESIS: A WINDOW ON THE EARLY UNIVERSE	Gary Steigman (Ohio State University)	Lógica e Teoria da Ciência
23	16h	BIOTECHNOLOGY AND THE FUTURE OF AGRICULTURAL RESEARCH AND DEVELOPMENT IN LATIN AMERICA	Frederick Buttel (University of Cornell)	Economia da Biotecnologia
23	17h	UMA VERSÃO ALGÉBRICA DA SILOGÍSTICA	Luis Henrique dos Santos (FFLCH/USP)	Lógica e Teoria da Ciência
24	14h	ACIDIFICAÇÃO - A PRESSÃO AMBIENTAL PARA A REFORMA ENERGÉTICA	A. Oswaldo Sevá Fº	Ciências Ambientais
28	16h	L'ENSEIGNEMENT SUPERIEUR ET LES PERSPECTIVES DE L'EUROPE DE 1992	Dominique Xardel (Ecole Internationale des Affaires/França)	Política Científica e Tecnológica
29 30	14h30	OBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE - O ESQUEMA GERAL DE PESQUISA MÉTODO SEMIÓTICO E FORMALISMO	Jorge de Albuquerque Vieira (UFRJ)	Lógica e Teoria da Ciência
30	16h30	DIREITO INTERNACIONAL E MEIO AMBIENTE	Alexander-Charles Kiss, Hans-Joachim Glaesner, Barbara Kwiatkowska, Johan G. Lammers, Vicente Marotta Rangel, Celso Lafer, Olavo Baptista	Ciências Ambientais e Assuntos Internacionais
30	17h	O DESAFIO DO CÍRCULO: DESCARTES E O DEMÔNIO DA DESILUSÃO	Penha Cardoso (IF/USP)	Lógica e Teoria da Ciência
31	9h	ESTRATEGIES D'ENTREPRISES FRANÇAISES POUR LE MARCHÉ UNIQUE	Dominique Xardel (Ecole Internationale des Affaires/França)	Assuntos Internacionais

LOCAL - sede do IEA, exceto: (*) Sala do Conselho Universitário, (**) Sala 14 do Departamento de Filosofia da FFLCH/USP.

A Filosofia nas Ciências Exatas

Biotecnologia e Agricultura

Frederick Buttel, professor de sociologia rural da Universidade de Cornell (Ithaca, EUA), realiza no dia 23 de agosto, às 16h, na sede do IEA, a conferência "A Biotecnologia e o Desenvolvimento da Pesquisa sobre Agricultura na América Latina" (em inglês). O evento integra o programa de atividades do Grupo de

Estudos Economia da Biotecnologia.

As principais áreas de interesse do especialista norte-americano são mudança social e tecnologia, sistemas de sociologia agrária e sociologia do meio ambiente. Ele é autor de vários livros, sendo "The Sociology of Agriculture" (Westport, Greenwood Press, 1989) o mais recente.



Michelangelo Bovero

Democracia e Leste Europeu

"A Teoria da Democracia diante das Transformações Políticas na Europa Oriental" é o tema da conferência que o cientista político italiano Michelangelo Bovero fará dia 16 de agosto, às 9h, na Sala do Conselho Universitário da USP. Organizado pelo IEA, o evento tem a colaboração da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A conferência de Bovero vincula-se ao tema da democratização que vem sendo pesquisado pelos integrantes da Área de Concentração em Assuntos Internacionais do IEA.

O professor Celso Lafer destaca a contribuição de Bovero aos estudos sobre o tema, pois, segundo ele, "uma das características da Faculdade de Ciência Política da Universidade de Turim, da qual ele é titular, é justamente encontrar um caminho próprio para a teoria política como um campo situado entre a ciência política e a filosofia política". Bovero foi aluno de Norberto Bobbio, com quem escreveu "Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna" (São Paulo, Brasiliense, 1987).

estudos
AVANÇADOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Roberto Leal Lobo e Silva Filho. Vice-Reitor: Ruy Laurenti
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

Conselho Diretor: Jacques Marcovitch (diretor), Alfredo Bosi (vice-diretor), Carlos Guilherme Mota, Geraldo Forbes, Gerhard Malnic e Paul Singer. Assistente Técnico-Acadêmico: Rubem Afonso Beltrão
Junior. Equipe de Redação: Mauro Marcos de Oliveira Belles (responsável) e Dario Borelli. Diagramação, composição, revisão, arte-final, fotolito e impressão: Coordenadoria de Comunicação Social da USP.
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374, térreo, Cidade Universitária, CEP 05508, São Paulo, SP. Telefone: 813-3222, ramais 2519 e 2730. Fax: 211-9563.

Uma visão da pesquisa em química

A maioria dos químicos trabalha em pesquisa experimental, havendo falta de químicos teóricos.

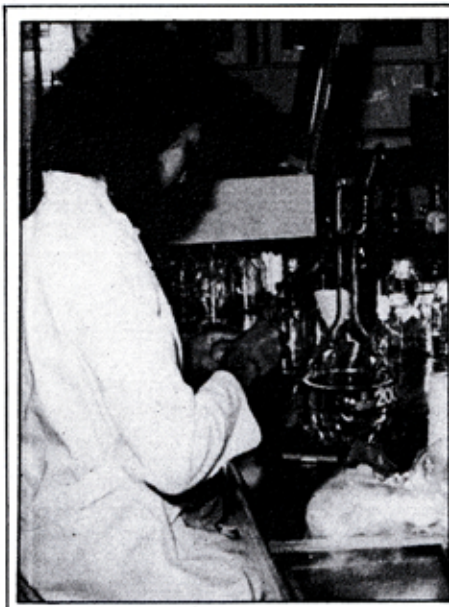
A carência de recursos para a pesquisa e a formação de recursos humanos são fatores de estrangulamento na área química. Essa situação é agravada devido à reduzida capacidade dos químicos em atuar na estrutura organizacional de fomento à ciência e tecnologia, para dela extrair benefícios mais significativos para o desenvolvimento da pesquisa em química. Esses foram alguns dos problemas apresentados pela pesquisadora visitante do IEA Maria Aparecida Hugo Cagnin, em junho, na palestra "Condições da Pesquisa Científica em Química: uma Visão da Comunidade" (texto disponível na Coleção Documentos do IEA), dentro das atividades da área de concentração em Política Científica e Tecnológica.

Cagnin realizou pesquisa de pós-doutorado no IEA sobre o tema, com o apoio da Ford Foundation. O estudo teve por base questionários distribuídos pela Sociedade Brasileira de Química a todos os seus sócios. Uma de suas conclusões é que para promoção de um desenvolvimento "é necessário se dispor de um projeto claro do que os químicos são no contexto nacional, o que eles poderiam ser para melhor cumprir o seu papel, quer científico, quer social".

O quadro resultante do estudo é preocupante, de acordo com a pesquisadora. O reduzido número de pessoas dedicado à área trabalha em condições precárias, dispondo de um instrumental inadequado, com manutenção insatisfatória. Além disso, a pesquisa em química no Brasil origina menos publicações científicas que a física, quando em nível mundial a situação é inversa.

Pós-graduação

Um indicador negativo identificado é o baixo efeito multiplicador do sistema de pós-graduação da área. Dados de



Agência USP



Oswaldo Sevá

Risco tecnológico e meio ambiente

A polêmica sobre a construção de setenta barragens projetadas para a Amazônia foi abordada pelo professor visitante do IEA Oswaldo Sevá na primeira palestra do ciclo "Riscos Tecnológicos e Alteração no Ambiente — das Controvérsias às Lutas Sociais", iniciado em junho.

Sevá tratou da questão sob o ponto de vista dos índios, ribeirinhos e outros habitantes da Amazônia, analisando como eles seriam afetados com a concretização do programa de barragens. Segundo ele, a atuação dos personagens e entidades ambientalistas contribuiu para um "recoo tático" por parte dos organismos federais, como o ocorrido no caso da hidrelétrica de Kararaó projetada para o rio Xingu.

Também em junho, na segunda palestra do ciclo, Sevá discutiu a divisão internacional de riscos técnicos e conteúdos energéticos e os riscos ambientais que isso implica. Dia 24 de agosto, às 14h, na sede do IEA, ele dá continuidade ao ciclo, com a palestra "Acidificação — A Pressão Ambiental para a Reforma Energética". (Dois textos de Sevá estão disponíveis na Coleção Documentos do IEA: "Ecologia ou Política no Xingu?" e "Veias Abertas, Rios Barrados, Dominação Ampliada")

Relações dos EUA com a América Latina

O professor visitante do IEA Enrique Amayo Zavallos apresentou em junho palestra sobre as relações dos Estados Unidos com a América Latina entre 1939 e 1954. Esse foi o tema da pesquisa de pós-doutorado que ele fez no IEA com o apoio da Ford Foundation. Amayo analisou sobretudo o comportamento do governo norte-americano em relação aos projetos de desenvolvimento dos governos do Brasil, Peru e Venezuela.

1987 indicavam que a relação orientador/orientando era de 1 para 2,83 (nesse caso a química esteve melhor que a física, que apresentou uma relação de 1 orientador para 1,39 orientando).

Por outro lado, o ritmo de pós-graduação em química é lento: 4,5 anos para mestrado e 6,5 anos para doutorado. Na opinião de Cagnin, a solução é desvincular o doutorado da obrigatoriedade de mestrado anterior, através do aproveitamento, após rigorosa seleção, dos graduados mais qualificados, prática comum em outros países.

Ela ressaltou também que, diferentemente da física, onde há igual quantidade de físicos teóricos e experimentais — o que favorece sua produção científica —, grande parte dos pesquisadores em química dedica-se a trabalhos experimentais. Há falta de químicos teóricos, "elementos importantes para a área, como indicam estudos prospectivos sobre a indústria química europeia".

Agências

Segundo a pesquisadora, esses problemas estão diretamente relacionados com a falta de uma política clara de ciência e tecnologia sincronizada com as demais políticas do governo — sobretudo a industrial —, e espelham a atuação das agências financiadoras em relação à área de química.

Para exemplificar essa atuação, Cagnin disse que no período 86/88 houve um aumento de 85% no número de bolsas concedidas pelo CNPq, mas a participação da área química no total manteve-se em 5%; o total de bolsas no Exterior registrou elevação de 112% no mesmo período, entretanto a área química teve um decréscimo relativo de 1,7%.

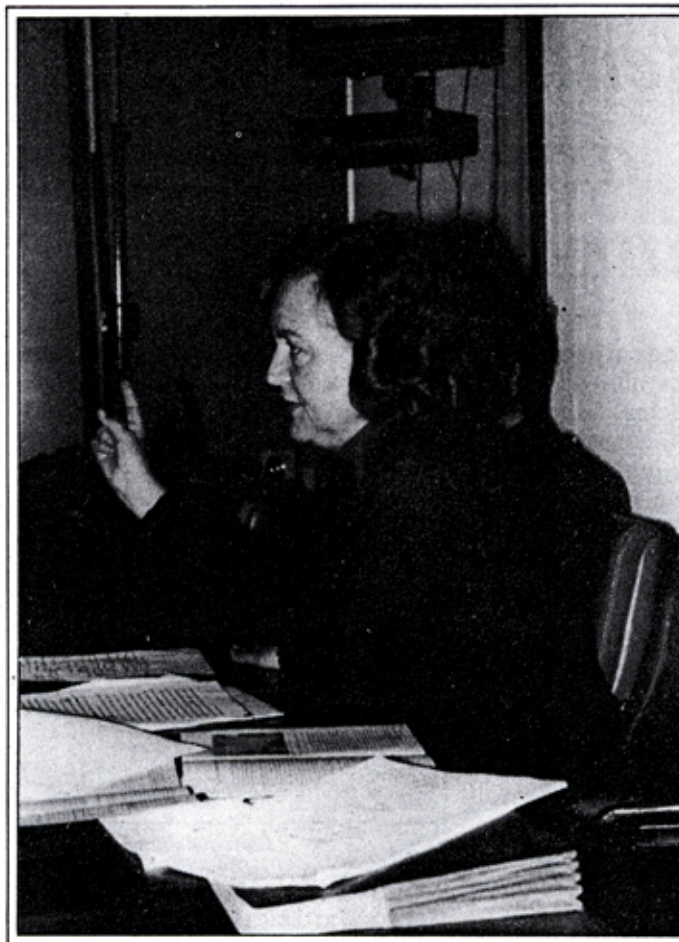
Estudos latino-americanos nos EUA

Desde setembro de 1966, a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos mantém na cidade do Rio de Janeiro um escritório com o objetivo de adquirir publicações brasileiras, catalogá-las e enviá-las a Washington, para serem consultadas por congressistas, organizações governamentais e demais interessados. A aquisição é feita em todo território nacional, mediante correspondências, pesquisas bibliográficas e viagens.

Único na América Latina, o escritório do Rio de Janeiro tem 600 entidades brasileiras cadastradas e só em 1989 enviou 30 mil publicações a Washington. Hoje, entretanto, há quem questione a remessa desse material aos Estados Unidos, em particular à Biblioteca do Congresso, por achar que, ao invés de servir fundamentalmente aos estudos acadêmicos e científicos, ela atende a interesses políticos e econômicos.

A diretora da Divisão Hispano-Americana da biblioteca, Dolores Martin, não concorda com essa objeção. Em palestra realizada no IEA em junho sobre os estudos latino-americanos desenvolvidos na Divisão, ela argumentou que qualquer pessoa pode consultar as publicações.

Ela lembrou que uma lei aprovada no Congresso Americano há 20 anos proíbe a compra do que se denominou "patrimônio nacional" de outros países. "Antes da aprovação da lei, os norte-americanos compravam documentos e materiais valiosos de outros países, especialmente do Terceiro Mundo", comentou. "Isso realmente não se justificava, uma vez que as técnicas de microfilmagem permitem a reprodução de originais considerados importantes para o desenvolvimento



Mauro Bellesini/IEA

Dolores Martin, diretora da Divisão Hispano-Americana da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e editora do Handbook for Latin American Studies.

dos estudos latino-americanos nos Estados Unidos", disse Martin, referindo-se às coleções de livros de história e revistas raras de presidentes de países latino-americanos, sobretudo do Peru, México e Colômbia.

Acervo

A Divisão Hispano-Americana da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos é um dos principais centros de pesquisa sobre a América Latina. Seu acervo inclui coleções variadas de livros de história, documentos microfilmados, revistas, manuscritos, materiais iconográficos, bem como gravações em

áudio e vídeo de poesias declamadas pelos próprios poetas latino-americanos. Martin disse que uma forte concorrente da Divisão é a Biblioteca da Universidade de Princeton, em Nova Jersey.

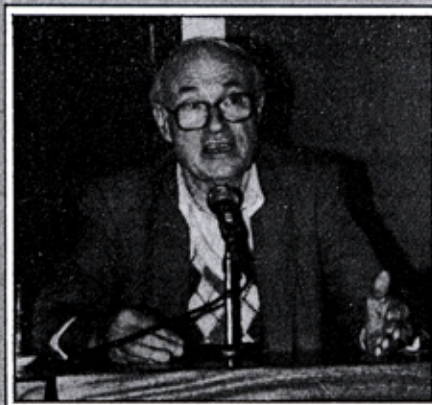
Fundada em 1800, a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos recebe cerca de 2.500 consultas por ano, das quais 30% se referem à publicações latino-americanas. "A cultura dos povos da América Latina tem sido pesquisada por inúmeros especialistas norte-americanos, europeus, asiáticos e africanos", disse Martin.

Morse e identidade histórica

A identidade histórica da América Latina é bastante forte, talvez mais forte que a dos Estados Unidos.

Richard Morse fez essa afirmação em palestra sobre os estudos latino-americanos realizados nos EUA, evento integrante das atividades de maio da área de concentração em História das Ideologias e Mentalidades em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da USP.

"A história dos Estados Unidos começou com centros demográficos na costa leste, atingindo depois de muito tempo a região oeste. Na América Latina, os centros



Mauro Bellesini/IEA

Richard Morse

demográficos se distribuíram por várias regiões", disse Morse. Para ele, a identidade histórica "bastante forte" da América Latina não é um mito – é uma "realidade sociológica".

Ao citar fatos de sua longa experiência como pesquisador da história latino-americana, Morse recordou que em 1949 ministrou um curso de introdução às ciências sociais latino-americanas na Universidade Columbia, no qual utilizou textos do peruano José Carlos Mariátegui, cujas análises marxistas adaptadas à realidade da América Latina chamaram a atenção dos alunos.

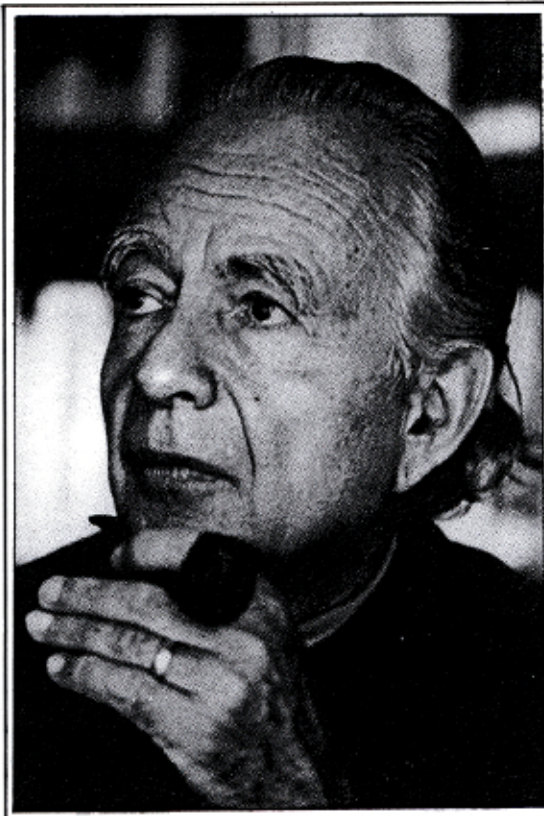
Koellreutter defende arte funcional

A função da música na sociedade de massa, valor e desvalor da obra de arte e os problemas do ensino musical foram alguns dos temas discutidos de março de 1989 a junho de 1990 no curso "Introdução à Estética Relativista do Impreciso e Paradoxal", ministrado pelo maestro Hans-Joachim Koellreutter (foto). Compositores, arquitetos, psicólogos e profissionais de outras áreas que frequentaram o curso participaram também de diversas atividades musicais.

Koellreutter considera que as culturas do Terceiro Mundo serão culturas de massa, constituídas de indivíduos cuja consciência do "eu" e cujo sentimento de responsabilidade individual vêm sendo reduzidos ao mínimo, gerando sociedades sem consciência de unidade e de tradição do pensar e do atuar.

Funcionalidade

Ele acredita que nas culturas de massa somente a transformação da arte



Arq. de H.-J. Koellreutter

Hans-Joachim Koellreutter

em arte funcional, aplicada às atividades extra-artísticas, "poderá assegurar sua função social no Terceiro Mundo e contribuir para a superação da crise que caracteriza todos os períodos de transição". Em apoio à sua tese, o ma-

estro costuma citar uma frase de Mário de Andrade (em "O Banquete"): "Toda arte brasileira de agora que não se organizar a partir do princípio de utilidade será vã, diletante, pedante e idealista".

Estética da música

Koellreutter defende também a revisão da estética da música ocidental, que na sua opinião "está ultrapassada". "A partir de meados deste século, um novo repertório de signos e símbolos levou a uma revisão radical dos conceitos fundamentais da estética e da semiologia musicais. Surgiu, então, um novo idioma sonoro, um novo repertório de signos musicais e, conseqüentemente, uma nova sintaxe."

Para ele, os novos conceitos estéticos e semiológicos da música ocidental parecem refletir uma visão de mundo bem semelhante à das culturas originárias da África, Ásia e América Latina.

IEA evoca atuação de Ruy Coelho

A sessão acadêmica "Ruy Coelho: um Percurso", realizada em junho, reuniu sociólogos, historiadores e filósofos que tiveram a oportunidade de conviver com o ex-professor titular de sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, falecido em abril passado.

"Embora suas aulas proporcionassem raro prazer intelectual, não tínhamos nem cultura nem maturidade para alcançá-las plenamente", lembrou a professora Ecléa Bosí à época em que foi aluna de Ruy Coelho no curso de psicologia na rua Maria Antonia. "Sua riqueza de erudição desorientava aqueles alunos ingênuos de psicologia."

Segundo Antonio Candido, Ruy Coelho tinha só uma ambição, da qual ele não tinha consciência: o saber.

"No limite de sua simplicidade, ele dava aos alunos, aos amigos e à sociedade a contribuição que julgava necessária para que o ser humano pudesse se realizar. Foi justamente essa fibra moral que lhe permitiu superar as armadi-



Amigos e ex-alunos de Ruy Coelho estiveram na sessão de evocação da sua obra, entre eles Ecléa Bosí, Carlos Guilherme Mota, Antônio Gonçalves, Antonio Candido e Oliveiros Ferreira.

lhas nas quais quiseram lhe enredar durante sua prisão", declarou o jornalista e professor Oliveiros Ferreira.

O sociólogo Teófilo Queirós, que foi orientando e depois colega de departamento de Ruy Coelho, classificou-o como integrante do rol dos "arguidores serenos", pois não tornava a banca arquiadora "um momento de martírio, mas sim um encontro de alta significação intelectual e humana".

Representando o Grupo de Estudos Psicanálise e Conexões, ao qual Ruy Coelho pertencia desde sua criação, o psicanalista Jorge Forbes disse que "a cultura, o ânimo e a inquietação de

Ruy Coelho foram fundamentais para o desenvolvimento dos estudos psicanalíticos no Instituto".

Para a presidenta do Centro de Estudos de Sociologia da Arte (Cesar), Lisbeth Rebollo Gonçalves, Ruy Coelho foi o precursor dos estudos interdisciplinares de arte na Universidade de São Paulo. Ela informou que o Cesar fará uma alteração estatutária para se transformar numa sociedade de estudos da sociologia da arte com o nome de Ruy Coelho. "Acredito que essa é a maneira mais honrosa de homenagear aquele que foi o nosso mestre e inspirador intelectual."